

# A ATUALIDADE DA TESE DO SINCRETISMO NO SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL

## THE CURRENTITY OF THE THESIS OF SINCRETISM IN SOCIAL SERVICE IN TIMES OF STRUCTURAL CRISIS OF STRUTURAL CRISIS OF CAPITAL

Monique Rodrigues<sup>1</sup>

### Resumo

O artigo discorre sobre elementos dos fundamentos históricos, teóricos e metodológicos do Serviço Social, resgatando a tese do sincretismo, com vistas a discutir sua atualidade na conjuntura da crise estrutural do capital, que desafia a formação profissional e os avanços conquistados pela profissão, desde o movimento de reconceituação e de renovação da profissão. Na esteira do método crítico-dialético, mostramos que os profissionais se veem subsumidos a demandas reiterativas da estrutura sincrética da profissão, pela requisição de práticas cada vez mais pontuais, e imediatistas, pondo a necessidade da categoria profissional fortalecer suas elaborações teórico-reflexivas e estreitar as relações entre a academia e os espaços profissionais para fortalecer a perspectiva crítico dialética e viabilizar meios para uma prática orientada e subsidiada pelos princípios constitutivos do projeto ético-político da profissão.

**Palavras-chave:** Serviço Social; sincretismo; crise estrutural do capital.

### Abstract

The article discusses elements of the historical, theoretical and methodological foundations of Social Work, rescuing the thesis of syncretism, with a view to discussing its relevance in the conjuncture of the structural crisis of capital, which challenges professional training and the advances achieved by the profession, since the reconceptualization and renewall movements. In the wake of the critical-dialectical method, we show that professionals are subsumed under the reiterative demands of the syncretic structure of the profession, due to the requirement of increasingly punctual and immediate practices, posing the need for the professional category to strengthen its theoretical-reflexive elaborations and narrow relations between academia and professional spaces to strengthen the dialectical

---

<sup>1</sup> Assistente Social, Mestra e Doutoranda em Serviço Social, pela Universidade Federal de Alagoas - PPGSS/UFAL. Email: monique.ssoufal@gmail.com

## A ATUALIDADE DA TESE DO SINCRETISMO NO SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL

critical perspective and enable means for a practice guided and subsidized by the constitutive principles of the ethical-political project of the profession.

**Keywords:** Social service; syncretism; structural crisis of capital.

### Introdução

Discorrer sobre elementos constitutivos dos fundamentos históricos, teóricos e metodológicos do Serviço Social, além de desafiador é salutar para o adensamento da potencialidade desenvolvida pela categoria profissional, no que se refere à produção de conhecimento e à prática dos assistentes sociais nos determinados períodos históricos. No vasto campo de investigações pertinentes ao Serviço Social, pesquisadores se debruçam e deixam seus legados sobre articulação da profissão com o movimento das relações sociais, sob diferentes perspectivas.

Aqui, resgataremos elementos sobre a tese do sincretismo no Serviço Social, apresentada por José Paulo Netto na década de 1980, em sua obra *Capitalismo Monopolista e Serviço Social*<sup>2</sup>, onde analisa os principais elementos da profissão desde seu surgimento até a década de 1960. Na esteira do método crítico-dialético, buscamos construir o texto demarcando a perspectiva da totalidade e trazendo os elementos essenciais que o autor apresenta para sustentar o que compõe a estrutura sincrética da profissão. Esse resgate se dá com o objetivo de discutir a atualidade desta tese na conjuntura de regressividade histórica, agravada pela crise estrutural do capital, a qual, desafia a formação profissional e os avanços teóricos conquistados pelo Serviço Social a partir do movimento de Reconceituação de abrangência latino americana<sup>3</sup> e de Renovação do Serviço Social brasileiro, requisitando dos profissionais uma prática cada vez mais sincrética.

---

<sup>2</sup> Esta obra trata-se da primeira parte da tese de doutorado do autor.

<sup>3</sup> Conforme Paulo Netto (2017), o movimento de reconceituação do Serviço Social inclui-se no processo de renovação desta profissão. Compõe-se pelos esforços da categoria profissional em questionar o serviço social “tradicional”, entre as décadas de 1965 a 1975. Um giro teórico e ideológico se manifesta no interior da profissão, balizado pela requisição de uma prática modernizada, inserção no circuito universitário e ultrapassagem da formação confessional. Acontece a aproximação com a teoria social de Marx e com profissionais em nível continental, estabelecendo uma articulação mais crítica e autônoma, por parte do serviço social. O movimento de reconceituação se apresenta em três perspectivas: modernizadora, reatualização do conservadorismo e intenção de ruptura.

## A ATUALIDADE DA TESE DO SINCRETISMO NO SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL

### Elementos Basilares da estrutura Sincrética do Serviço Social

Partindo da elaboração teórica de um dos pesquisadores mais reconhecidos do Serviço Social brasileiro, José Paulo Netto, entendemos a profissão inscrita nos marcos do capitalismo dos monopólios – a partir do último quartel do século XIX – momento onde se configura o espaço sócio-ocupacional para sua institucionalização. Para o autor, o capitalismo dos monopólios coloca a sociedade burguesa no estágio maduro, com a acentuação da concentração e centralização de capitais, objetivando o controle dos mercados e a maximização dos lucros.

Paulo Netto (1992) elenca os fenômenos dessa etapa histórica, dentre eles o aumento do preço das mercadorias produzidas pelos monopólios; aumento das taxas de lucros, da acumulação de capitais e economia de trabalho vivo em razão do desenvolvimento tecnológico. Esse último é a agudização do fenômeno descortinado por Marx quando trata das consequências imediatas da lei geral da acumulação capitalista, a formação do exército industrial de reserva, agora potencializada porque “conduz ao ápice a contradição elementar entre a socialização da produção e a apropriação privada: internacionalizada a produção, grupos de monopólios controlam-na por cima de povos e Estados” (Paulo Netto, 1992, p. 20).

Marx já apontava que a produção e reprodução do capital no capitalismo, se move em uma série de contradições<sup>4</sup>, as quais não se dão sem problemas. Ocorre a produção de riqueza em razão direta à pobreza, assim como, há incrementos tecnológicos significativos, mas que não produzem a mais-valia - produto da exploração da força de trabalho. Nesse contexto, o sistema capitalista produz o desemprego e acaba por gerar outra consequência indesejável para a sociedade burguesa: a ameaça à ordem.

As estratégias burguesas dessa quadra histórica se dão no sentido de refrear as consequências dessas contradições elevando o grau de exploração da classe trabalhadora, comprimindo salários e também, redimensionando a atuação do Estado. Enquanto instituição

---

<sup>4</sup> Sobre as contradições do modo de produção capitalista, Marx (2013) aponta elementos em toda a sua obra “O Capital”. A exemplo, quando se refere à introdução da máquina no sistema produtivo, diz ele: “as contradições e os antagonismos inseparáveis da utilização capitalista da maquinaria inexistem, porquanto têm origem não na própria maquinaria, mas em sua utilização capitalista! Como, portanto, considerada em si mesma, a maquinaria encurta o tempo de trabalho, ao passo que, utilizada de modo capitalista, ela aumenta a jornada de trabalho; como, por si mesma, ela facilita o trabalho, ao passo que, utilizada de modo capitalista, ela aumenta sua intensidade; como, por si mesma, ela é uma vitória do homem sobre as forças da natureza, ao passo que, utilizada de modo capitalista, ela subjugua o homem por intermédio das forças da natureza; como, por si mesma, ela aumenta a riqueza do produtor, ao passo que, utilizada de modo capitalista, ela o empobrece etc. – o economista burguês declara simplesmente que a observação da maquinaria, considerada em si mesma, demonstra com absoluta precisão que essas contradições palpáveis não são mais do que a aparência da realidade comum, não existindo por si mesmas e, portanto, tampouco na teoria” (Marx, 2013, p. 342).

## A ATUALIDADE DA TESE DO SINCRETISMO NO SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL

política de salvaguarda da reprodução do capital toma maiores proporções “para garantir os superlucros dos monopólios – e, para tanto, como poder político e econômico, o Estado desempenha uma multiplicidade de funções” (Paulo Netto, 1992, p. 21), sendo estas, políticas e também econômicas, responsabilizando-se pelo controle de setores não rentáveis até a oferta de subsídios, investimentos e preparação de força de trabalho para os monopólios.

Destacamos a intervenção estatal sobre a classe trabalhadora, tendo em vista o agravamento da situação de vida e trabalho desta classe a partir do processo de ampliação do sistema produtivo. Aquela ameaça à ordem era até então tratada à base da coerção - mote estatal que garantia à classe dominante o controle da classe trabalhadora – e agora, passa a ser enfrentada de maneira mais estratégica e funcional às transformações econômicas em voga. Vejamos:

o processo é mais abrangente e preciso: quer pelas contradições de fundo do ordenamento capitalista da economia, quer pelas contradições intermonopolistas e entre os monopólios e o conjunto da sociedade, o Estado – como instância política econômica do monopólio – é obrigado não só a assegurar continuamente a reprodução e a manutenção da força de trabalho, ocupada e excedente, mas é compelido ( e o faz mediante os sistemas de previdência e segurança social, principalmente) a regular a sua pertinência a níveis determinados de consumo e a sua disponibilidade para a ocupação sazonal, bem como a instrumentalizar mecanismos gerais que garantam a sua mobilização e alocação em função das necessidades e projetos do monopólio (Paulo Netto, 1992, p. 23).

Em termos gerais, o Estado irradia suas funções para diversas frentes que no geral culmina com a reprodução do capital, abrangendo demandas da classe trabalhadora, na medida em que seja favorável aos interesses dominantes. Essa intervenção se dá sistematicamente por meio das políticas sociais, sobre as expressões da chamada “questão social”<sup>5</sup> - fenômeno iniciado na Europa Ocidental decorrente do processo de industrialização a partir do último quartel do século XVIII -, ou seja, um século depois, o pauperismo da classe trabalhadora passa a ser visto e tratado de modo funcionalmente distinto, aliando coerção com atendimento de demandas pontuais, possíveis de serem minimamente ajustadas pelas políticas sociais.

A produção teórica do Serviço Social já muito bem explanou que essa intervenção estatal se dá de modo fragmentado e parcial, afinal “tomar a ‘questão social’ como problemática

---

<sup>5</sup> A “questão social” é elemento essencial para a constituição da profissão na sociedade burguesa. Decerto, torna-se ao longo das décadas objeto de análise de vários autores. Na análise de Pimentel (2012), a sua gênese é econômica residindo no caráter antagônico da acumulação capitalista, explicitado por Marx em sua obra “O Capital”. Daí “surgem também formas de organização e luta do operariado por melhores condições de vida e de trabalho” (Pimentel, 2012, p. 45).

## A ATUALIDADE DA TESE DO SINCRETISMO NO SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL

configuradora de uma totalidade processual específica é remetê-la concretamente à relação capital/trabalho – o que significa, liminarmente, colocar em xeque a ordem burguesa” (Paulo Netto, 1992, p. 28). E nesse sentido, Marx já dizia que “o Estado jamais encontrará no ‘Estado e na organização da sociedade’ o fundamento dos males sociais” (Marx, 2010, p. 58), afinal ele repousa sobre essas contradições.

Assim, o movimento engendrado pelas políticas sociais é sobretudo no sentido de “atender às demandas da ordem monopólica conformando, pela adesão que recebe de categorias e setores cujas demandas incorpora, sistema de consenso variáveis, mas operantes” (Paulo Netto, 1992, p. 27). E isso é realizado partindo do fragmento, do que se coloca na imediaticidade, sem estabelecer os nexos entre as demandas e a totalidade do modo de produção que as engendra. O autor, numa das célebres passagens de sua obra, assim explica:

As sequelas da “questão social” são recortadas como problemáticas particulares (o desemprego, a fome, a carência habitacional, o acidente de trabalho, a falta de escolas, a incapacidade física, etc.) e assim enfrentadas. A constatação de um sistema de nexos causais, quando se impõem aos intervenientes, alcança no máximo o estatuto de um quadro de referência centrado na noção de *integração social*: selecionam-se variáveis cuja instrumentação é priorizada segundo efeitos multiplicadores que podem ter na perspectiva de promover a redução de *disfuncionalidades* – tudo se passa como se estas fossem inevitáveis ou como se se originassem de um ‘desvio da lógica social’ (Paulo Netto, 1992, p. 28, grifo do autor).

Aqui, nos parece que está um dos elementos centrais que o autor tomará para fundamentar o sincretismo no Serviço Social, como veremos mais adiante. Para o momento, destacamos que nessa conjuntura histórica se situa o surgimento do Serviço Social como profissão, a partir de demandas que requisitam esse agente profissional no mercado de trabalho, inserido na execução das políticas sociais. Nessa emergência, a profissão traz em seu arcabouço teórico/prático elementos que expressam uma relação de continuidade com as formas assistenciais filantrópicas ligadas à igreja católica. Mas, a relação de ruptura com esses elementos é primordial estabelecendo-se pela relação de assalariamento e pela atividade profissional estar para além da vontade dos sujeitos em instituições desvinculadas da igreja. Para o autor,

esta inserção – em poucas palavras, a localização dos agentes num topos particular da estrutura sócio-ocupacional -, quase sempre escamoteada pela auto-representação dos assistentes sociais, marca a profissionalização: precisamente quando passam a desempenhar papéis que lhes são alocados por organismos e instâncias alheios às matrizes originais das protoformas do Serviço Social é que os agentes se profissionalizam (Paulo Netto, 1992, p. 68).

## A ATUALIDADE DA TESE DO SINCRETISMO NO SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL

Nos marcos do capitalismo dos monopólios, o agente profissional se situa enquanto executor das políticas sociais, materializando a estratégia burguesa de preservação e controle da força de trabalho ao tempo em que atende necessidades imediatas da classe trabalhadora. Isso nos permite dizer que a prática profissional está enraizada, ou seja, diretamente articulada ao pensamento conservador que fragmenta e individualiza as demandas, no sentido de manter a ordem social e reproduzi-la aos moldes da classe dominante.

Esse resgate histórico brevemente delineado, decerto é conhecido pela categoria profissional, mas é fundamental para o que estamos propondo, com vistas a não analisar o sincretismo no Serviço Social de modo endógeno. Enquanto produto histórico das relações sociais, as questões que envolvem a institucionalização da profissão – relação teoria/prática, respostas institucionais/profissionais, instrumentalidade, projeto ético-político, dentre outras – precisam estar inseridas em um contexto histórico determinado e quando isso se efetiva é possível apreender o lastro conservador que impregna a profissão e resulta no exercício profissional sincrético. Nas palavras do autor desta tese,

o sincretismo nos parece ser o fio condutor da afirmação e do desenvolvimento do Serviço Social como profissão, seu núcleo organizativo e sua norma de atuação. Expressa-se em todas as manifestações da prática profissional e revela-se em todas as intervenções do agente profissional como tal. O sincretismo foi o princípio constitutivo do Serviço Social (Paulo Netto, 1992, p. 88, grifo do autor).

Enfaticamente o sincretismo se situa no cerne da profissionalização do Serviço Social, como um componente medular. Para Souza (2016), essa tese é alicerce para qualquer reflexão sobre a profissão, inclusive no cenário contemporâneo. E para Maranhão (2016), revisitar e problematizar essa tese é fundamental para desvelar o complexo problema que é ultrapassar o conservadorismo do interior da profissão. De fato, o elenco de vetores que fundamentam a tese da estrutura sincrética do Serviço Social expõe características capazes de serem reconhecidas no cotidiano profissional, quando pensamos para além do imediato.

O primeiro fundamento do sincretismo elencado por Paulo Netto (1992) está no cenário imediato em que a profissão se situa: no capitalismo dos monopólios, quando as expressões da “questão social” são tomadas pelo Estado e atendidas pelas políticas sociais, locus do assistente social. O objeto profissional aparece no fenomênico, fragmentado e polifacético, sem os nexos sociais, econômicos e políticos que o engendra, se apresenta “como um conjunto sincrético; a

## A ATUALIDADE DA TESE DO SINCRETISMO NO SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL

*sua fenomenalidade é o sincretismo* – deixando na sombra a estrutura profunda daquela que é a categoria ontológica central da própria realidade social, a *totalidade*” (Paulo Netto, 1992, p. 91, grifo do autor). O atendimento então, se dá mediante procedimentos burocráticos e pragmáticos, levando o profissional a modelos formal-abstratos<sup>6</sup> de intervenção.

O segundo fundamento é o horizonte em que o exercício profissional vislumbra, o cotidiano, tomado em suas características essenciais como heterogeneidade, espontaneidade e superficialidade. O imediato é o que deve ser considerado, culminando numa “manipulação planejada”, por atuar para “sintonizar, reproduzir e sancionar a composição heteróclita da vida cotidiana com o sincretismo das refrações da ‘questão social’” (Paulo Netto, 1992, p. 92). O cotidiano é onde a vida acontece, com a reprodução da sociedade burguesa enfatizada pela razão formal abstrata que instrui modelos atribuindo importância fundamental ao instrumental<sup>7</sup>, acarretando numa prática profissional endossada por correntes teóricas idealistas, empiristas e irracionalistas.

Por fim, temos a manipulação de variáveis empíricas, fundamento que se liga essencialmente aos dois primeiros. Vincula-se à imagem que a profissão tem nos espaços sócio-ocupacionais e remete à necessidade da sua prática alterar em alguma medida a demanda posta, seja no comportamento, numa situação individual ou grupal, caso contrário pode ser considerada inconclusa. Para o autor, “não por azar, o traço de *intervenção* do Serviço Social é frequentemente identificado com uma tal alteração – que a formulação tradicional subsumiu na rubrica do ‘tratamento’” (Paulo Netto, 1992, p. 93, grifo do autor), recuperando elementos das suas protoformas, como o pronto-socorro social, por exemplo.

As demandas que reclamam a intervenção operativa compõem um conjunto sincrético multifacetado que se alinha com a “prática profissional de ordenar, planejar ou manipular aspectos pontuais do cotidiano de grupos sociais. Cria-se, portanto, um terreno fértil para as práticas pragmáticas e burocráticas que visam apenas reproduzir o ambiente institucional” (Maranhão, 2016, p. 174). A articulação entre a “questão social” e o cotidiano remete os profissionais a respostas emergenciais capazes de adequar as demandas às metas institucionais,

---

<sup>6</sup> De acordo com Netto, os modelos formal-abstratos desenvolvidos pela profissão – expressos por exemplo na tricotomia caso/grupo/comunidade, ou na sequência estudo/diagnóstico/terapia/avaliação (contínua) – mostram-se inevitavelmente unilaterais e unilateralizantes, na justa escala em que deixam de apreender o sistema de mediações concretas que forma a rede em que se constitui a unidade de intervenção [...] (Paulo Netto, 1992, p. 91).

<sup>7</sup> A razão formal-abstrata tem como contraponto à razão dialética, a qual propõe o uso de mediações sucessivas para entender a essência dos fenômenos.

## A ATUALIDADE DA TESE DO SINCRETISMO NO SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL

revelando a estrutura sincrética do Serviço Social. Por isso, para o autor da tese, o fato da intervenção ser medida pelos resultados empíricos, acaba limitando o profissional a “uma *racionalização* dos recursos e esforços dirigidos para o enfrentamento das refrações da ‘questão social’” (Paulo Netto, 1992, p. 99, grifo do autor).

A prática sincrética volta-se para o ajuste das situações e comportamentos, associando uma variedade de modelos instrumentais e técnicos com implicações não apenas para o exercício profissional, mas também para o campo teórico e ideológico. Nesse ínterim, a problemática que está para além do Serviço Social se expressa até mesmo na construção da identidade profissional. O objeto profissional difuso e multifacético gera dilemas profissionais em sua imediatividade e expectativas por respostas que podem ser dadas a partir de uma gama possibilidades de intervenção, majoritariamente burocratizadas. As inúmeras situações provenientes da “questão social” podem ser atendidas então, por intermédio de um leque de atividades possíveis, de modo que a prática aparece destituída de especificidade<sup>8</sup>, mas marcada de polivalência<sup>9</sup>.

Dessa prática sincrética emergem elaborações teóricas que se retroalimentam. O fato é que desde a gênese da profissão, a influência teórica seja pelo caldo cultural europeu ou o norte-americano, não remetia à possibilidade de pensar uma sociabilidade para além da ordem capitalista. Após a segunda guerra mundial, estas duas vertentes equalizam-se e a profissão passa a condensar elementos das duas<sup>10</sup>, marcando a configuração ideológica, prática e teórica do Serviço Social numa articulação onde “este duplicado sincretismo – esta estranha simbiose de produtos cultural-ideológicos tão diversos – rebate decisivamente, *sem qualquer reserva crítica de fundo*, no desenvolvimento do Serviço Social profissional” (Paulo Netto, 1992, p. 123, grifo do autor). Para o autor “a subalternidade técnica a que já nos referimos derivou aqui, inusitadamente, em marginalidade teórica” (Paulo Netto, 1992, p. 141).

---

<sup>8</sup> “[...] a *especificidade* profissional converte-se em incógnita para os assistentes sociais (e não só para eles): a profissionalização permanece um circuito ideal, que não se traduz *operacionalmente* (Paulo Netto, 1992, p. 100, grifo do autor).

<sup>9</sup> “A *polivalência* aparente é a mais nítida consequência da peculiaridade operatória do Serviço Social – da sua intervenção indiferenciada” (Paulo Netto, 1992, p. 101, grifo do autor).

<sup>10</sup> Sobre essa interação, temos que “se o rompimento com o evolucionismo e a voga psicologista desobstruíram as vias, na tradição norte-americana, para a interação com a europeia, nesta o componente que favoreceu o processo foi a afirmação neotomista. A década de trinta, já registra na América do Norte, os primeiros resultados da interação: novos valores e nova fundamentação se apresentam para a prática profissional do Serviço Social, extraídos do arcabouço neotomista. E os influxos, naturalmente, foram de mão dupla: a tradição europeia abriu-se às técnicas e aos procedimentos já desenvolvidos pelos norte-americanos” (Paulo Netto, 1992, p. 123).



## A ATUALIDADE DA TESE DO SINCRETISMO NO SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL

Entendemos que a operacionalização fragmentada sobre as refrações da “questão social”, nos marcos do cotidiano profissional alinhado às metas institucionais, levam a uma prática indiferenciada e polivalente requerida pela sociedade burguesa madura, que se justifica teoricamente em valores positivistas e psicologizantes demarcados pelas Ciências Sociais. Para dar conta das respostas esperadas o profissional recorre a distintas teorias e conceitos que caracterizam um eclecismo: expressão do sincretismo da prática, que resvala sobre as elaborações teóricas da profissão.

Se essa realidade – sincretismo teórico – pode ser superada é uma possibilidade para a qual o autor aponta o contexto pós década de 1960 no Serviço Social brasileiro, quando se dá a possibilidade de aproximação entre a profissão e a teoria social de Marx<sup>11</sup>. Daí a possibilidade de reversão com a vinculação à tradição positivista no Serviço Social, ainda que não se mude o que há de mais fundamental à profissão: responder as demandas prático-empíricas.

### A atualidade da tese do Sincretismo no Serviço Social

O Serviço Social brasileiro, a partir de meados da década de 1960, passa a questionar suas bases científicas, movimento refreado pelo contexto da ditadura militar (1964-1985), mas que se sobressaiu nas décadas seguintes. Esse movimento se inscreve no que o autor chama *fenômeno internacional*, circunscrito num rol de mudanças econômicas, políticas e sociais, gerador de mobilizações das classes, tanto nas regiões centrais, quanto nas periféricas.

Essas mudanças atingem medularmente o Serviço Social em três eixos: na revisão crítica de fundamentação teórica no âmbito das Ciências Sociais; no deslocamento de instituições como a Igreja Católica e sua vinculação com a profissão, seja no âmbito da formação como o da ação; e no protagonismo do movimento estudantil no interior da formação profissional. A confluência desses vetores contribui para o que o autor chama de Movimento de Reconceptualização/Reconceituação, enquanto, “parte integrante do processo internacional de erosão do Serviço Social “tradicional” e, portanto, nesta medida, partilha de suas causalidades e características” (Paulo Netto, 2017, p. 151).

---

<sup>11</sup> A teoria social de Marx, por seu vínculo com a perspectiva da classe trabalhadora e um projeto teórico metodológico crítico-dialético, apreende os fenômenos em sua essência, num movimento distinto das Ciências Sociais.

## A ATUALIDADE DA TESE DO SINCRETISMO NO SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL

As características desse movimento se expressam junto às particularidades latino americanas, contra a estrutura capitalista, a hegemonia imperialista e a economia subdesenvolvida, de modo intimamente articulado às questões macrossociais envolvidas no conjunto desses países. No Serviço Social, os questionamentos e reflexões que emergem desse movimento de reconceitualização sofreram um declínio, principalmente por decorrência das ditaduras militares impostas aos países latino americanos, mas deixou elementos que marcaram a história da profissão em seus diversos aspectos: a relação com a teoria marxista, ainda que tenha sido por uma aproximação enviesada<sup>12</sup>; e a relação mais estreita entre profissionais dos países latino americanos.

Essas movimentações aqui abreviadas comportam décadas de muito protagonismo e coragem do Serviço Social latino americano e reverberou significativamente no processo de renovação da profissão no Brasil, explicada por Paulo Netto (2017) e atribuindo-lhe três perspectivas: *modernização conservadora, reatualização do conservadorismo e intenção de ruptura*<sup>13</sup>. A primeira voltava-se à adequação do Serviço Social às demandas ditatoriais da década de 1960 a 1970; a segunda rechaçava elementos da teoria positivista e do marxismo, situando-se num escopo de resgate de elementos conservadores associados à ajuda psicossocial; e a última avança na década de 1980, no intuito de romper com o Serviço Social tradicional e apreender a teoria social de Marx<sup>14</sup>.

Paulo Netto (2017) atribui ao movimento de renovação e principalmente à intenção de ruptura, a possibilidade de o Serviço Social descortinar a realidade social, adotar outro estatuto teórico, outros valores, práticas e posicionamentos políticos que culminam na elaboração de profundas reflexões sobre a profissão. Ou seja, o outro olhar sobre a dinâmica do real, compreendendo que o sistema do capital no modo de produção capitalista é significativamente

---

<sup>12</sup> A aproximação enviesada com a teoria social de Marx se dá por variados ângulos, como aponta Maranhão (2016), pelo antagonismo cultural da vertente conservadora e a crítico-dialética; ainda que resguardada a importância da II e III Internacionais, temos a dificuldade em apreender a totalidade da realidade social por parte da primeira, estabelecendo vínculos ainda com o positivismo e o militantismo em que caiu a última Internacional. Com isso, “só com a chegada dos anos 1990 é que estudos visando superar tanto o conservadorismo como as apreensões lógico-formais de Marx deixaram de ser exceções, passando a hegemonizar alguns espaços acadêmicos e criando um ambiente um pouco mais favorável para enriquecer o arsenal teórico-metodológico da tradição marxista no Serviço Social” (MARANHÃO, 2016, p. 194).

<sup>13</sup> A vertente da Intenção de Ruptura do movimento de reconceitualização proporciona um giro teórico e ideológico ao Serviço Social, afinal: “é no bojo desse movimento, de questionamentos à profissão, não homogêneos e em conformidade com a realidade de cada país, que a interlocução com o marxismo vai configurar para o serviço social latino-americano a apropriação de outra matriz teórica: a teoria social de Marx” (YAZBEK, 2009, p. 7).

## A ATUALIDADE DA TESE DO SINCRETISMO NO SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL

agressivo para a classe trabalhadora, permite a consolidação de elaborações teóricas e ideológicas que explicam o modo de organização social, assim como, desvela os elementos constitutivos de uma profissão. A exemplo, a tese do sincretismo é possível de ser elaborada e problematizada quando o Serviço Social passa a pensar para além dele mesmo e se entender nos marcos de uma realidade que enquadra as relações sociais e profissionais.

A luta contínua para consolidar a vertente marxista no interior do Serviço Social, acontece no contexto de regressividade histórica a partir da década de 1970, no início do que Mézáros (2011) chama de crise estrutural do capital, a qual, “afeta a *totalidade* de um complexo social em todas as relações com suas partes constituintes ou subcomplexos, como também a outros complexos aos quais é articulada” (Mézáros, 2011, p. 797, grifo do autor). A severidade da crise é tal que “[...] seus constituintes destrutivos [do capital] avançam com força extrema, ativando o espectro da incontabilidade total numa forma que faz prever a autodestruição, tanto para este sistema reprodutivo social excepcional, em si, como para a humanidade em geral” (Mézáros, 2011, p. 100).

A relação entre a crise estrutural do capital e as transformações econômicas, sociais e políticas deflagradas a partir da década de 1970 no mundo, é absolutamente direta<sup>15</sup>. O cenário do mundo capitalista globalizado adentra numa efervescência liderada pelos princípios neoliberais<sup>16</sup>, com aprofundamento de teorias irracionistas e pós-modernas<sup>17</sup>, associado a um recrudescimento da situação da classe trabalhadora por meio de estratégias como desregulamentação e flexibilização das relações de trabalho, privatizações, desemprego estrutural e intensificação das expressões da “questão social”. Paulo Netto (2012) problematiza:

---

<sup>15</sup> “Tais transformações estão vinculadas às formidáveis mudanças que ocorreram no chamado “mundo do trabalho” e que chegaram a produzir as equivocadas teses do “fim da sociedade do trabalho” e do “desaparecimento” do proletariado como classe, mudanças que certamente se conectam aos impactos causados nos circuitos produtivos pela revolução científica e técnica em curso desde a metade do século XX (potenciada depois em seus desdobramentos, por exemplo, pela “revolução informacional” e pelos avanços da microeletrônica, pelos novos passos da biologia, da física e da química). Mas são transformações que desbordam amplamente os circuitos produtivos: elas envolvem a totalidade social, configurando a sociedade tardo-burguesa que emerge da restauração do capital” (Paulo Netto, 2012, p. 209).

<sup>16</sup> A ofensiva neoliberal, como chama Paulo Netto, materializa-se em políticas de ajuste que resultam na reestruturação produtiva, flexibilização do trabalho, desemprego em massa, privatizações, financeirização do capital e a intervenção mais intensa do Estado na economia, mesmo que no plano teórico isso seja um contrassenso neoliberal.

<sup>17</sup> O movimento pós-moderno “é funcional à lógica cultural (Jameson) do tardo-capitalismo: é-o tanto ao caucionar acriticamente as expressões imediatas da ordem burguesa contemporânea quanto ao romper com os vetores críticos da Modernidade (cuja racionalidade os pós-modernos reduzem, abstrata e arbitrariamente, à dimensão instrumental, abrindo a via aos mais diversos irracionismos)” (Paulo Netto, 2012, p. 212).

## A ATUALIDADE DA TESE DO SINCRETISMO NO SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL

Entendo que uma das suas múltiplas faces contemporâneas é o trato político-institucional que confere às massas excedentárias aos interesses imediatos do capital – trato consistente na articulação entre violência extra-econômica permanente e assistencialismo minimalista. Neste trato, estamos confrontados com processos e fenômenos qualitativamente diversos quer da combinação de borduna policial e confinamento dos pobres (recorde-se o capitalismo inglês vitoriano e as suas work houses), quer dos programas de promoção/integração social do Estado de bem-estar social (Paulo Netto, 2012, p. 202)

A classe trabalhadora massacrada pelo desemprego estrutural convive diariamente com a agudização da pobreza intensificada ainda, pela repressão e encarceramento em massa, como se fossem descartáveis. As implicações da crise estrutural numa “articulação orgânica de repressão às “classes perigosas” e assistencialização minimalista das políticas sociais dirigidas ao enfrentamento da “questão social” é que constitui uma expressiva face contemporânea da barbárie” (Paulo Netto, 2012, p. 220).

Considerando que essa parcela da sociedade é a que compõe majoritariamente o público atendido pelo Serviço Social, o exercício profissional se dá nessa realidade complexa e degradante. Entendemos que Guerra (2016), em sua análise acerca da repercussão das transformações societárias para a profissão nos marcos da crise estrutural, traz elementos que estão no cerne do sincretismo no Serviço Social, ainda que a autora não restrinja sua análise a essa tese. Podemos fazer esse paralelo, pois ao tomar a realidade macroscópica a autora nos dá subsídios para entender o exercício profissional na atualidade histórica, apresentando elementos compatíveis com a tese apresentada por Paulo Netto (1992).

Guerra (2016) faz essa análise, partindo da recuperação de elementos constitutivos do que denomina “cultura profissional”. Dentre eles, o caráter interventivo materializado por respostas instrumentais que alteram variáveis imersas no cotidiano, fazendo com que a profissão seja “vista como técnica ou tecnologia social colocada para administrar a pobreza e, supostamente, mediatizar e/ou controlar os ‘conflitos sociais’” (Guerra, 2016, p. 91). Também faz parte dessa cultura o embasamento conservador que se funde com características de militância e prática de ajuda, corroborando para a incorporação de demandas inespecíficas e para a ausência da pesquisa como mediação entre o fenomênico e a totalidade da vida social.

Para a autora, no lócus profissional dos assistentes sociais - a política social - vem sendo implementado um modelo híbrido composto pelas assistencialização e mercantilização<sup>18</sup>, numa

---

<sup>18</sup> Isso ocorre pelo atendimento focalizado as demandas relativas à pobreza, principalmente via programas de transferência de renda e a transformação de usuários em consumidores, por precisarem cada vez mais recorrerem a serviços no mercado, pela retirada estatal da responsabilidade em prestar alguns desses serviços.

## A ATUALIDADE DA TESE DO SINCRETISMO NO SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL

configuração cada vez mais mecanicista, fomentando esta tendência que já é presente historicamente no exercício profissional. Intensificam-se demandas sobre as quais os assistentes sociais são enquadrados para o controle cada vez mais extensivo da população pobre, como remoções e internações compulsórias; gerir sistemas como o CadÚnico; ações no âmbito legal com instrumentos padronizados e técnicas manipulatórias, que levam à culpabilização dos sujeitos; e medidas socioeducativas vislumbrando alterações comportamentais de adequação à realidade.

Mediante esse cenário, a autora chama a atenção para a formação profissional, por entender que “políticas sociais assistencializadas, minimalistas e emergenciais necessitam de um perfil determinado de profissional que, ao que parece, é o que tem sido construído pelos cursos à distância” (Guerra, 2016, p. 102), por consistirem num meio rápido e barato para a formação do profissional. Ao seu ver resulta em uma formação empobrecida, expressão da precarização da política de educação assim como as demais.

Ainda que tenhamos atingido avanços significativos com os esforços da categoria a partir da perspectiva de intenção de ruptura do Serviço Social, o contexto econômico e social traz à tona uma questão que parece rondar os assistentes sociais: o que faz a profissão? Para a autora, a formação precarizada alimenta “a dificuldade em responder o que faz a assistente social, a aparente inespecificidade operatória da profissão, que não a diferencia de práticas legais, voluntárias e filantrópicas [...]” (Guerra, 2016, p. 103). Aí temos um significativo retorno de mais uma implicação apontada na tese da estrutura sincrética do Serviço Social, a prática indiferenciada.

Ademais, a formação e o exercício profissional requeridos em tempos de crise estrutural reverbera em dois processos que se combinam. O primeiro refere-se ao fato de que tendências como “[...] desespecialização, desprofissionalização e diluição das atribuições específicas estão presentes na formatação atual das políticas sociais e exigem de seus trabalhadores uma rápida adaptação sob o discurso da perda das atuais oportunidades do mercado de trabalho [...]” (Guerra, 2016, p. 104). O segundo processo estabelece padrões para atender demandas do real, os quais levam a “funções de administrar e gerenciar sistemas, muitas vezes por procedimentos burocráticos e auto explicativos que não requerem muito trabalho intelectual e aparentemente, estão isentos de intencionalidade política” (Guerra, 2016, p. 104). A realidade vem engessando o profissional, numa prática fragmentada, conservadora e sob retomada da retórica de neutralidade há décadas rechaçada pela categoria profissional.

## A ATUALIDADE DA TESE DO SINCRETISMO NO SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL

Não de modo mecânico, podemos visualizar a reposição de elementos sincréticos da profissão em tempos atuais, decorrentes do movimento histórico das relações econômicas, políticas e sociais, onde “o exercício profissional do Serviço Social encontra uma malha institucional que lhe repõe requisições e demandas sincréticas” (Souza, 2016, p. 138). Ainda que tenha havido o redimensionamento teórico/político no interior da profissão a partir do movimento de reconceituação, a conjuntura histórica está num movimento contrário, onde os três elementos fundamentais do sincretismo no Serviço Social aparecem ainda mais fortemente:

A “questão social assume feições hoje dramáticas e ainda mais heterogêneas e difusas. O cotidiano tem aprofundado os processos alienantes como o fetichismo da mercadoria, e a cultura do individualismo, que estão ligados ao hedonismo e à falta de perspectivas de futuro – agravada pela crise estrutural do capital. [...] Quanto ao terceiro traço do sincretismo – a manipulação de variáveis empíricas, também se repõe maximizada frente às tendências de hipertrofiação e assistencialização das ações de intervenção sobre a reprodução da força de trabalho. Se cruzarmos as duas tendências: cronificação da “questão social” e focalização minimizadora das políticas sociais, resta evidente que os limites institucionais para o exercício profissional dificultam uma atuação que ultrapasse o horizonte da intervenção microscópica, reiterativa e fragmentária – ainda que referenciada por valores emancipatórios e comprometida com a qualidade possível dos serviços prestados à população (Souza, 2016, p. 139).

A barbárie contemporânea como denomina José Paulo Netto se expressa com agudização das expressões da “questão social” em nível progressivamente constante, não havendo chance de reversão do quadro dentro do sistema do capital, conforme afirma Mészáros. Essa é a realidade com a qual estamos lidando enquanto humanidade e também como profissionais que se encontram no cotidiano, pressionados por respostas possibilitadas por execuções técnicas cada vez mais fragmentadas e sob a ótica do controle da classe trabalhadora, principalmente a parcela desempregada. Para tanto, a estrutura sincrética do Serviço Social ganha força em tempos de regressividade histórica por estar alinhada aos ditames requeridos pela sociedade burguesa, desafiando o fazer reflexivo por parte dos assistentes sociais.

A tese do sincretismo, por não ser hegemônica dentro da categoria é considerada por alguns autores como inconclusa e fatalista<sup>19</sup>. Sem desconsiderar o rigor teórico para tal caracterização, a pesquisa e sistematização aqui realizadas buscou reunir os elementos centrais dessa tese e visualizar o quadro histórico de demandas para o exercício profissional na atualidade. Dito de outro modo, a análise se deu numa dimensão para além do Serviço Social,

---

<sup>19</sup> Nos termos desta exposição não daremos conta de aprofundar essa crítica. Para conhecimento ou aprofundamento, indicamos a obra de Marilda Iamamoto, “Serviço Social em tempos de capital fetiche”, onde a autora justifica sua apreensão sobre esta tese de José Paulo Netto.

## **A ATUALIDADE DA TESE DO SINCRETISMO NO SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL**

o que possibilitou apreender que a tese do sincretismo circunscreve-se no bojo das relações sociais e econômicas da sociedade burguesa em seu estágio maduro, constituindo-se, portanto, de elementos presentes no exercício profissional desde a gênese da profissão, resvalando-se para o âmbito ideológico e teórico, capazes de serem repostos na atualidade histórica e desafiar significativamente o fazer e o pensar da categoria profissional.

### **Considerações finais**

Enquanto produto da elaboração teórica do Serviço Social pós movimento de intenção de ruptura, a tese do sincretismo traz elementos constitutivos da profissão num nível aprofundado de maturidade teórica sob o respaldo do método crítico-dialético. A profissionalização do Serviço Social nos marcos do capitalismo dos monopólios se mostra como nodal para o desenrolar de práticas profissionais, elaborações teóricas e concepções ideológicas próprias dessa quadra histórica.

A caracterização da estrutura sincrética do Serviço Social fundamenta-se em um conjunto de elementos presentes na realidade dos assistentes sociais, desde o objeto de intervenção, o cotidiano profissional e a imagem social deste profissional. Identificar o sincretismo, então, remete apreender os nexos entre o imediato e a totalidade, capacidade desenvolvida quando a formação profissional fornece meios para desenvolver essa capacidade.

A superação dessa estrutura sincrética é o que parece ser mais desafiador, tendo em vista sua característica medular e, portanto, ontológica da prática profissional; o que faz o autor da tese alertar que a superação do sincretismo teórico possibilitado pelo movimento de reconceituação e ameaçada pela mercantilização da educação superior, não significa o exaurimento da prática sincrética dinamizada pelo cotidiano profissional nas instituições da sociedade burguesa. A complexidade é significativa, ainda mais quando a realidade abrange uma crise de proporções estruturais do sistema do capital, associando assistencialismo e repressão. Na ordem do dia está a requisição de práticas cada vez mais pontuais, na contramão do projeto ético-político da profissão, mas na esteira do necessário à reprodução capitalista. Resta à categoria profissional fortalecer suas bases construídas no bojo das elaborações teórico-reflexivas ao longo das últimas décadas.

Em Guerra (2016), temos a defesa da pesquisa e da produção crítica do Serviço Social como importantes mediações, para não responder as demandas como no passado e potencializar o exercício profissional com conteúdo crítico. Maranhão (2016) coloca a importância de se

## A ATUALIDADE DA TESE DO SINCRETISMO NO SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL

articular os espaços acadêmicos com os processos realizados no cotidiano profissional, respeitando as especificidades de cada um, considerando que apenas desse modo poderão ser elaboradas alternativas para um exercício profissional crítico dentro das instituições.

Consideramos essas orientações complementares, tendo em vista que a pesquisa é salutar para o conhecimento, da prática profissional, da instituição, do público alvo, das possibilidades de intervenção, etc. É urgente o estreitamento das relações entre a academia e os espaços profissionais para fortalecer a perspectiva crítico dialética, os princípios constitutivos do projeto ético político e viabilizar meios para uma prática reflexiva, subsidiando profissionais que de maneira recorrente - e não poderia ser diferente -, se veem subsumidos a demandas reiterativas da estrutura sincrética da profissão.

### REFERÊNCIAS

GUERRA, Yolanda. Transformações societárias, Serviço Social e cultura profissional: mediações sócio-históricas e ético políticas. *In*: MOTA, Ana Elizabete; AMARAL, Angela (org.). **Cenários, contradições e peijas do Serviço Social brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2016.

MARANHÃO, Cesar. Uma peija teórica e histórica: serviço social, sincretismo e conservadorismo. *In*: MOTA, Ana Elizabete; AMARAL, Angela (org.). **Cenários, contradições e peijas do Serviço Social brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2016.

MARX, Karl. **Glosas Críticas marginais ao artigo “O rei da Prússia e a reforma social” de um prussiano**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

PAULO NETTO, José. A Construção do Projeto Ético-Político do Serviço Social. *In*: MOTA, Ana Elizabete; BRAVO, Maria Inês de Souza; UCHÔA, Roberta; NOGUEIRA, Vera; MARSIGLIA, Regina; GOMES, Luciano; TEIXEIRA, Marlene (org.). **Serviço Social e Saúde: formação e trabalho profissional**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

PAULO NETTO, José. **Capitalismo Monopolista e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 1992.

PAULO NETTO, José. Capitalismo e barbárie contemporânea. **Argumentum**, [s.l.], v. 4, n. 1, p. 202-222, 16 ago. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/2028>. Acesso em: 15 dez. 2021.

PAULO NETTO, José. **Ditadura e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2017.

SOUZA, Jamerson, M. A. O sincretismo no serviço social: uma abordagem ontológica. *In*:



## A ATUALIDADE DA TESE DO SINCRETISMO NO SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL

MOTA, Ana Elizabete; AMARAL, Angela (org.). **Cenários, contradições e peijas do Serviço Social brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2016.

YAZBEK, Maria Carmelita. Os fundamentos históricos e teórico metodológicos do Serviço Social brasileiro na contemporaneidade. *In*: Conselho Federal de Serviço Social e Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (org.). **Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais**. Brasília: CFESS e ABEPSS, 2009.